

RACHEL DE QUEIROZ, CRONISTA³²

Cláudio Aguiar

Antes de tecer algumas considerações sobre o sentido da crônica e da cronista Rachel de Queiroz, acho conveniente fazer um rápido comentário sobre sua trajetória literária, a fim de situarmos melhor o contexto e as circunstâncias do aparecimento da jornalista e da cronista.

Rachel de Queiroz, nasceu em Fortaleza - CE, a 17 de novembro de 1910, filha de Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz, descendente, pelo lado materno, da estirpe dos Alencar. Sua bisavó materna — «dona Miliquinha» — era prima de José de Alencar. Faleceu, dormindo em sua rede, no dia 04 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro.

Sua estréia em livro, a rigor, está marcada por um inusitado acontecimento. Em 1930, padecendo de uma congestão pulmonar, Rachel viu-se obrigada a longo repouso e, para matar o tempo, resolveu escrever um livro. Titulado de *O Quinze*, o primeiro romance apresentava um tom realista na sua concepção dramática por revelar um povo, há séculos, castigado pelas longas estiagens e a miséria. Lido pelos pais, talvez mais para estimular a filha do que por acreditarem num brilhante futuro, «emprestaram» o dinheiro para sua edição. Publicado em agosto, com tiragem de apenas mil exemplares, teve pouca acolhida entre os leitores cearenses. Ela, então, mandou o livro para escritores do Rio de Janeiro e São Paulo, recebendo elogios de Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade, motivo suficiente para transformá-la em autora de grande promessa. Com o dinheiro da venda do livro, Rachel «pagou» o empréstimo recebido dos pais.

A sua vida, a partir de então, conheceu constantes mudanças. Até os 30 anos de idade, além de Quixadá, morou em várias cidades

32 Escritor, membro da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Carioca de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

brasileiras: Fortaleza, Belém do Pará, São Paulo, Maceió e, finalmente, Rio de Janeiro, onde se radicou em 1939. Escreveu também para o teatro. Das suas cinco peças – *Lampião* (1953) e *A Beata Maria do Egito* (1958) –, a meu ver, constituem um dos mais fortes momentos da dramaturgia brasileira. São textos reveladores de sentimentos arraigados na alma do povo nordestino: o banditismo e o fanatismo. Publicou, ainda, sete livros em parceria, três seletas de suas obras e quatro livros de literatura infantil. Traduziu cerca de 38 obras literárias.

Seus momentos mais significativos, porém, como tem reconhecido a crítica, foram marcados pelo aparecimento de títulos que integram sua obra romanesca: *O Quinze* (1930); *João Miguel* (1932); *Caminho de pedras* (1937); *As três Marias* (1939); *Dôra, Doralina* (1975); *O galo de ouro* (1985) e *Memorial de Maria Moura* (1992). Apesar de ostentar em seu currículo essa obra fundamental para nossa literatura, Rachel chegou aos 90 anos, para surpresa de muitos, afirmando não gostar de escrever e só o fazia para se sustentar, circunstância, em verdade, reveladora de um profundo caráter profissional dado à sua atividade literária.

Como boa cearense, Rachel de Queiroz amou desmedidamente o Ceará. Jamais esqueceu o seu torrão natal. Todo ano ia à fazenda «Não me Deixes», situada em Quixadá, nome que traduz um apelo de seus antepassados para a família jamais abandonar ou vender aquela aprazível propriedade encravada em pleno sertão cearense.”

Não é a primeira vez que, para minha alegria, volto a me encontrar com Rachel de Queiroz. Quase todos encontros foram imprevistos, mas felizes e de grande enriquecimento intelectual para mim, porque Rachel de Queiroz tinha, ao contrário de muitas pessoas famosas, a dimensão exata da humildade. Era, antes de tudo, pessoa humana. Humildade quando, por exemplo, preferia identificar-se como jornalista cultora da crônica, gênero considerado menor. Menor, reconhecemos, a crônica só tem mesmo a necessária brevidade textual, porque se trata, como veremos, de um gênero difícil de ser atingido em toda sua plenitude.

Meu primeiro contato literário com a obra de Rachel de Queiroz deu-se por volta de 1958, quando entrei na biblioteca do tradicional Liceu do Ceará, onde estudava e, pela primeira vez, escolhi um romance para ler. A preferência recaiu sobre literatura brasileira: o título: *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Então, eu não poderia jamais imaginar que um dia, em fins de 2003, ano de sua morte, eu seria escolhido para ocupar sua vaga no PEN Clube do Brasil, com sede aqui no Rio de Janeiro.

Por aquela época, confesso, fiquei impressionado pela circunstância de ter Rachel escrito seu primeiro romance – *O Quinze* – com apenas 20 anos de idade. Então, eu quando completei 15 anos também me animei a imitá-la e escrevi o meu primeiro romance. Anos depois, já quando vivia no Recife, onde estudava na Faculdade de Direito, certo dia, recebi de minha mãe, entre outras coisas, um caderno com a minha primeira tentativa literária: um romance. Distante daquela aventura, de qualquer sorte fiquei impressionado não tanto com a história narrada, nem com o estilo de neófito, mas com a pertinácia de ter escrito mais de 200 páginas com uma caligrafia firme e uniforme. Por outro lado, ao contemplar aquele romance frustrado e falido, sentia um forte alívio por não ter posto em prática, naqueles dias de minha juventude em Fortaleza, o plano de remeter o meu prematuro rebento literário a Rachel de Queiroz. Não o fiz por não ter seu endereço. Exatamente 23 anos mais tarde, em 1982, quando meu romance *Caldeirão* ganhou o segundo prêmio literário – o do Instituto Nacional do Livro do Ministério da Cultura (MEC/INL), concedido a livro publicado, por livre indicação da comissão julgadora – para minha surpresa, tive a alegria de voltar a encontrar Rachel de Queiroz em meu caminho, pois ela fizera parte da comissão julgadora daquele disputadíssimo concurso literário.

Apesar de tudo isso, só a conheci pessoalmente no começo da década de 1990, levado à sua casa pela mão de meu inesquecível e saudoso amigo José Bonifácio Câmara, ilustre cearense que, mesmo vivendo boa parte da vida fora de sua terra natal, aqui no Rio de Janeiro, dirigiu suas ações para aquela parte do Brasil.

Durante os contatos mantidos com Rachel sempre houve uma forte empatia entre nós. A começar por algumas dedicatórias que me fez, chamando-me carinhosamente de colega, dando-me a impressão de ser, antes de mais nada, pessoa e não personalidade embriagada pela fama. Não se apresentava, nem por gestos nem por palavras, com aquela empáfia ou carga sufocante de um estado d'álma que, muitas vezes, contamina algumas pessoas e, por via de conseqüência, não conseguem revelar uma personalidade simples, humana, generosa, amiga, características de pessoas realmente grandiosas. Saltavam, portanto, aos meus olhos as inumeráveis qualidades de Rachel de Queiroz: simplicidade, sinceridade, fidelidade para com os amigos e amor ao Ceará. De cada uma delas eu poderia citar passagens inesquecíveis, porque exemplares. Era autêntica e espontânea. Não escamoteava a verdade. Quando eu lhe disse que a minha primeira leitura de romance recaíra em seu *O Quinze*, ela retrucou categórica: «É um livro de aprendiz...»

Por isso, noutra ocasião, quando lhe pedi autógrafos, ela escreveu no exemplar de *O homem e o tempo*, livro justamente de crônicas escolhidas, a seguinte dedicatória: "A Cláudio Aguiar, que começou a gostar de romances pela minha mão (*O Quinze*), com a amizade de Rachel de Queiroz."

Depois desses breves comentários, creio ser oportuno arriscar alguns comentários a propósito do alcance da crônica, esse gênero que tanto fascinou a nossa Rachel de Queiroz.

Para tanto, tentaremos, de maneira brevíssima, responder algumas dessas indagações: como evoluiu o gênero ao longo dos tempos? Será mesmo a crônica um gênero menor? Ou será que menor são os cultores do gênero que não conseguem atingir altura e nível suficientes para dar grandeza ao gênero cultivado? Qual a relação do jornalismo com a literatura?

Há, no sentido etimológico do termo "*crônica*", segundo os gregos, a idéia de tempo, isto é, *krónos*. E tempo é, justamente, sensação de passagem, que nós, mortais, julgamos existir em virtude da

contagem das rotações dos astros. Talvez por isso, a noção do vocábulo crônica tenha sofrido tantas mudanças ao longo dos séculos: lista de acontecimentos durante a fase de consolidação da era cristã; listas de fatos anotados nos anais da História, tomadas como fatos da vida civil dos homens.

Na fase central da chamada Idade Média, por volta do século XII, começou a aparecer uma distinção entre tais registros, destacando-se aqueles fatos que recebiam um tratamento individual como crônica. Essa dicotomia, isto é, entre história de fatos coletivos e ações tomadas no sentido individual, esteve mais presente no âmbito de obras produzidas em Espanha e Portugal, embora no resto da Europa, durante a Renascença (século XVI), aqueles conteúdos mais gerais passassem ao domínio da "História".

Na época moderna, o vocábulo assumiu um papel estritamente literário. Há historiadores da literatura que atribuem tal concepção ao aparecimento no *Journal des Débats*, da França, por volta de 1880, de textos breves sem ligação ou continuidade lógica, mas, na verdade, unidos por um fio narrativo aparentemente oculto. Eram os *feuilletons*, logo imitados no resto do mundo e aqui entre nós conhecidos como "folhetins".

No mesmo sentido, os escritores ingleses, também considerados grandes cultores do gênero, batizaram a *crônica* de *commentary, literary column, sketch, light essay, human interest story, town gossip* etc.

Com o passar de algumas décadas, esses textos assumiram a denominação genérica de "crônicas" e assim ganharam cadeira cativa nos principais órgãos da imprensa periódica: jornais e revistas.

No Brasil, é possível identificar em nosso meio literário o uso de tal gênero pelos mais importantes escritores de várias gerações. Assim, antes de nossa Rachel de Queiroz, foram cronistas: Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Humberto de Campos, Carlos de Drummond de Andrade, Fernando Sabino etc.

Apesar da aparente simplicidade do gênero *crônica*, talvez por causa da exigência de sua expressividade em forma de brevidade textual e, claro, de síntese de conteúdo, ou, ainda, noutras palavras, sempre na busca do essencial, muitos a tomem como um gênero menor ou de fácil domínio. Ledo engano. A crônica, na verdade, de menor só tem mesmo a forma de expressão literária. No mais, é um gênero híbrido, misto ou múltiplo, justamente por assumir, a depender do enfoque dado pelo seu autor, características diversificadas. Ora pode ser tomado como alegoria, ora por apelo revestido das formas mais variadas, as quais, em geral, abarcam do necrológico ao panegírico, da defesa à invectiva acusatória, da entrevista à resenha, do monólogo ao diálogo; da confissão ao testemunho; da anedota ao conto etc. Além de romancista, dramaturga e tradutora, Rachel, durante toda a vida, escreveu crônicas para jornais e revistas.

Há quem afirme existir entre a literatura e o jornalismo a mesma diferença que separa o duradouro do efêmero. Apesar disso, Rachel parece ter encontrado no jornalismo exatamente o seu lado mais permanente e, por isso mesmo, difícil: o exercício da crônica.

Essa atividade intelectual iniciou-se na revista *O Cruzeiro*, de saudosa memória, por volta da década de 1930, que ostentava, na última página, sua crônica semanal. O texto aparecia junto à fotografia da jovem autora, com a mão delicadamente fechada a segurar o queixo, mostrando, ainda, o braço apoiado sobre a máquina de escrever. Revelava a cronista, em sua posição de combate intelectual, o rosto sério, os olhos postos nos possíveis leitores, como se tal gesto quisesse dizer mais do que as palavras que suas reflexões eram procedentes, verdadeiras e partiam do âmago de alguém que refletia sobretudo “o homem e o tempo”, aliás, um dos títulos que reuniu parte de suas crônicas escolhidas, já referido.

A meu ver, Rachel foi, na verdade, sobretudo cronista. E como tal, cronista de revista e jornal, podendo-se, portanto, classificá-la apenas como jornalista – profissão, aliás, que ela mesma preferia às demais. A prova dessa afirmação poderá ser constada na quantidade (e também

na qualidade) de suas crônicas escritas no decorrer de toda sua longa vida literária. Esse labor resultou na edição de catorze livros de crônicas. Vale observar que esses livros não contêm a integralidade de suas crônicas, pois todos trazem a indicação de que se tratam de crônicas escolhidas ou selecionadas, o que equivale a dizer que centenas de outras se acham, ainda, inéditas em livro.

Por falar nesse tipo de ineditismo, vale salientar que se trata de um fenômeno comum à maioria de nossos grandes cronistas. Bastaria lembrar dois casos curiosos: o de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, dois grandes representantes do gênero em momentos diferentes de nossa literatura.

Até hoje as crônicas de Machado de Assis ainda não tiveram edições integrais. Nas recentes comemorações do centenário de morte do autor de *Dom Casmurro*, diversos especialistas se debruçaram sobre o estudo de sua obra e constataram lacunas impressionantes, principalmente nas crônicas. Além de faltarem muitas crônicas em edições tidas como confiáveis, há o abstruso caso de inclusão de algumas que sequer são da lavra de Machado de Assis. A iniciativa da Aguillar chega a impressionar: segundo lembra Jonh Gledson, autor de *Por um novo Machado de Assis*, essa editora “novamente achou por bem omitir muitas, chegando a incluir só pouco mais da metade da série mais famosa”.

O caso de Carlos Drummond de Andrade, extraordinário cronista, escreveu mais de seis mil crônicas – talvez o dobro de Rachel de Queiroz –, todas de elevadíssimo nível estético. Desse volume poucas se acham publicadas.

Pergunta-se: quando as crônicas de Rachel de Queiroz aparecerão editadas em sua totalidade?

Os temas de Rachel iam além dessas forçadas dicotomias que acabei de sugerir.

Falavam do comportamento familiar, da vida pequena mas feliz, do homem que se comprazia em viver o seu destino, explorava a notícia como fonte do viver, do inevitável acontecer, pequenas histórias

com grandes finais em busca de uma moral tocante, aventuras familiares nas quais a surpresa da inocência parecia comandar a vida, os reinos do sagrado e do profano, o amor, o ódio, a amizade, as virtudes, os defeitos e, entre tantos outros estados da alma manifestos nos mais inusitados momentos, a solidão, esse terrível fantasma que nos persegue não só em dois momentos cruciais da própria existência: o nascimento e a morte.

Sobre a solidão, tema tão marcante e presente nas crônicas de Rachel, lembro de uma passagem em que ela aproveita a emblemática condição vivida por um de nossos mais conhecidos estadistas: Getúlio Vargas. E o faço não apenas para recordar aquela personagem de nossa História, mas para ressaltar o toque de perenidade e sopro de intuição filosófica que ressoam nas certas palavras de nossa cronista:

“Na tragédia de Getúlio Vargas o que mais me impressionou não foi o tiro no peito, não foi o drama político: foi a espantosa solidão em que vivia aquele homem. O quarto feio e grande, no Catete, que parecia uma cela de preso: nele o seu morador dormia, comia, trabalhava. Sim, comia só. No palácio enorme, refugiava-se ali, fazia servir o seu almoço e o seu jantar numa mesa improvisada, sem ninguém, senão o criado silencioso. Por que? Sem uma risada em torno dele, sem presença de criança, sem presença de mulher.

E quando quis se matar, foi o mesmo de quando queria jantar ou dormir: sozinho, sem ninguém para dar boa-noite. Não fez sequer o clássico bilhete dos suicidas. A quem o endereçaria?” (Rio, 10.11.56).

Recordo, ainda, uma das mais curiosas crônicas de Rachel, – “Objeto voador não identificado” –, de 4 de junho de 1960, na qual o testemunho real, vivido e prestado pela escritora, sobre a aparição de um OVNI nos céus da Fazenda Não Me Deixes, em Quixadá, Ceará, tanto comoveu

à própria cronista como aos seus leitores, inclusive a mim, que anos antes, ainda criança, também testemunhara fenômeno parecido nas encostas da Serra da Ibiapaba, na propriedade São Francisco, de meu pai.

O testemunho de Rachel, por um mistério imposto pela força narrativa, metamorfoseia-se de tal sorte em algo nebuloso, mágico, inacreditável e estranho. O mero sentido da notícia desaparece e cede lugar à outra atmosfera que só a crônica poderia conferir verossimilhança. A crônica, ainda, se apresenta revestida de algumas características aparentemente opostas: a transitoriedade e a perenidade. A transitoriedade apóia-se no lado imediato e veraz do fato diário, notícia ou até do lado menos notável da vida – o anedótico. Essas características, como é fácil observar, poderiam vincular-se à atividade jornalística. Reducionismo que se presta, à primeira vista, ao exemplo dado, mas que, naturalmente, não pode aproveitar toda a magnitude de conteúdo atualmente atribuída ao jornalismo, sobretudo quando imaginamos os múltiplos enfoques que são da responsabilidade da imprensa escrita. Responsabilidade que não se restringem à informação, mas, de certa forma, ao caráter formativo decorrente dessa massa de informações que atingem também a literatura e, por extensão, a cultura.

A perenidade tem relação direta com aquela dose de cultura, inteligência, intuição filosófica, percepção psicológica do agir humano, aspectos que devem povoar a própria capacidade intelectual do cronista. Ainda mais: relação direta com um estilo dotado de leveza indispensável à fixação dessas qualidades numa linguagem com sopro poético, expressado em prosa clara, lúcida e despida de artifícios retóricos. Essa expressividade que sobrevive entre o veraz e a intuição poética, a rigor, opera-se sob o império de um recurso de formato expresso sob a urgência da brevidade. Brevidade que os mais sensíveis cultores das letras, em todos os tempos, têm requerido como recurso imprescindível para a fixação de um estilo pessoal e singular.

Por falar em brevidade, costumo sempre lembrar as palavras de Gracián, que insistia em dizer que todo bom discurso, se breve, termina, justamente por isso, sempre, duplamente bom. Entendemos que será

mediante o emprego adequado desses recursos que o bom cronista tem rompido o casulo da transitoriedade, isto é, os limites do conteúdo informativo, preso, portanto, ao tempo. Geralmente recusa a viver sob o influxo de um estado anódino, imposto pelos fatos diários e busca ultrapassar esses limites e chegar ao outro lado do enfoque, ou seja, o território mais inacessível da crônica: o reino da perenidade que se alimenta da fonte inspiradora. Esse território é o lugar próprio da literatura.

Essa fonte de inspiração poderia ser simbolizada por uma luz que não se apaga e por isso ilumina o outro lado da veracidade, aquele que os simples fatos são incapazes de revelar. Por traz deles, quase sempre, reside uma outra verdade nunca revelada na sua totalidade, mas sugerida pelo cronista de talento na medida certa para que o leitor a sinta e a perceba como se fora um toque luminoso. Quem souber, mediante a palavra, ultrapassar esse difícil limiar, com certeza, poderá ser considerado um grande cronista.

Rachel de Queiroz, portanto, como cronista, soube desvelar este segredo e nos mostrar a vida desde o ponto de partida, mesmo quando ela se situa na região do transitório, até o final, isto é, o porto de chegada, iluminando a difícil trajetória com o signo da perenidade.